

“Era igual escrava”: uma análise da interação leitor-texto-leitor em uma perspectiva goffmaniana*

Odete Firmino Alhadas Salgado **

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar parte da interação entre duas participantes (mãe da pesquisadora e a própria pesquisadora), realizada a partir da leitura da obra literária *A hora da estrela* de Clarice Lispector, sob uma perspectiva goffmaniana. Este estudo faz parte de uma pesquisa maior que pretende refletir sobre a vida social e sobre a literatura como modo de ser e de estar no mundo, compreendendo que os sentidos construídos pelo escritor não estão inscritos no livro de maneira estanque, mas são co-construídos pelo leitor. O alinhamento metodológico se dá com a pesquisa qualitativa, por ser um estudo situado em teorias de bases sociais e interpretativas, e com a pesquisa autoetnográfica, por conectar a experiência pessoal com questões socioculturais, explorando o ambiente familiar como lócus de co-construção de conhecimento. Os resultados contribuem para os estudos da interação face a face e, em um contexto maior, para a interação texto-leitor, pouco explorada como fenômeno social.

Palavras-Chave

Interação; Erving Goffman; *A hora da estrela*.

Abstract

The aim of this work is to analyze a part of an interaction between two participants (researcher's mother and the researcher), performed from the reading of the literary work *The hour of the star*, written by Clarice Lispector, according to Goffman's perspective. This study is part of a larger research that intends to reflect about the social life and literature as a way of being in the world, understanding that the meanings constructed by the writer are not inscribed in the book, but are co-constructed by the reader. The methodological alignment takes place through the qualitative research, because it is a study based on social and interpretative theories, and auto-ethnographic research, for connecting a personal experience with sociocultural issues, exploring the familiar environment as a locus of co-construction of knowledge. The results contribute to the studies of face-to-face interaction and, in a larger context, a text-reader interaction, little explored as a social phenomenon.

Keywords

Interaction; Erving Goffman; *The hour of the star*.

* Artigo recebido em 17/09/2017 e aprovado em 18/10/2017.

** Mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014). Atualmente, cursa doutorado em Estudos da Linguagem na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro com bolsa do CNPq.

Se há verdade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um reconheça em si mesmo porque todos nós somos um [...].

A hora da estrela
Clarice Lispector

Primeiras palavras

O contato com o mundo dos livros começa, em geral, muito cedo. Folheamos as primeiras páginas quando crianças e contamos histórias antes de decifrar o código da escrita. Segundo Cosson (2014, p.40), ler é uma prática social, é uma interação entre autor e leitor, mediada pelo texto. Interpretar um texto é negociar o sentido em um diálogo que envolve o autor, o leitor e a sociedade, tendo como limite o contexto. Quando negociamos com nossos interlocutores e co-construímos sentidos em um texto também nos tornamos autores. O momento da leitura e desse compartilhamento de significados com o autor, pode nos levar a perceber que todos os sentidos construídos pelo escritor não estão inscritos no livro de maneira estanque, mas são co-construídos pelo leitor.

Dessa forma, este trabalho se insere em uma pesquisa maior¹, que tem como objetivo compreender a interação leitor-texto-leitor, que surge a partir de leituras mediadas e de conversas informais em um contexto familiar, cujas implicações podem ser ampliadas para uma discussão sobre o ensino de literatura. O ambiente de geração de dados é contextualizado pela obra literária, que conduz e é pano de fundo para a interação. Sendo assim, penso que a análise do discurso das participantes (pesquisadora e mãe da pesquisadora) podem fornecer pistas de como a leitura pode ser um momento de letramento literário e, ainda, como ela pode promover uma reflexão crítica sobre o mundo.

Compreendo que as situações de linguagem acontecem na sociedade e não podem ser vistas fora de seu contexto. Do mesmo modo deve ser vista a leitura literária, pois uma obra só pode ser entendida em seu contexto de produção e a partir das ideologias trazidas pelo escritor. Para além disso, deve-se perceber o contexto de leitura e a recepção do leitor que co-constrói sentidos ao abrir o livro. Logo, este trabalho propõe uma reflexão sobre a vida social e sobre a literatura como modo de ser e de estar no mundo.

Neste recorte, minha intenção é analisar parte da interação entre as duas participantes, realizada a partir da leitura da obra literária *A hora da estrela* de Clarice

¹ Este trabalho é parte de minha pesquisa de doutorado, ainda em andamento.

Lispector, sob uma perspectiva goffmaniana. Para seguir esse percurso teórico, utilizarei alguns aspectos da obra de Erving Goffman, como o conceito de *instituições totais* (1961), de *estigma* (1963) e de *display de gênero* (1979). Goffman, sociólogo da chamada Escola de Chicago, construiu um aporte teórico caro aos estudos da linguagem, no âmbito da sociolinguística interacional, que se preocupa como estudo do uso da língua na interação social. (RIBEIRO e GARCEZ, 2013, p. 8). Sendo assim, penso que este trabalho pode contribuir para os estudos da interação face a face e, em um contexto maior, para a interação texto-leitor, pouco explorada como fenômeno social.

O alinhamento metodológico deste estudo se dá com a pesquisa qualitativa por ser um estudo situado em teorias de bases sociais e interpretativas. (DENZIN e LINCOLN, 2006). Também procuro respaldo em uma perspectiva autoetnográfica (ELIS e BOSCHNER, 2000), considerando o ambiente familiar como um espaço de co-construção de conhecimento e de ressignificação de experiências pessoais. Para além disso, este trabalho encontra seu caminho ao se inserir no campo da LA, por propor um diálogo com teorias que atravessam o campo das ciências sociais e das ciências humanas, o que significa uma LA mestiça. (MOITA LOPES, 2006, p. 14). De acordo com Moita Lopes (2006), a LA é lugar de desestabilização e de desconstrução de certezas; de indisciplina em relação ao que está dado e posto como verdade absoluta; de transgressão ao que é fixo e homogêneo, se colocando, portanto, em um “entre-lugar” da socioconstrução do conhecimento.

Goffman e os estudos da interação

Erving Goffman, filho de imigrantes judeus ucranianos, nasceu no Canadá em 1922. Ele não era, como já explicitiei anteriormente, um estudioso do campo da linguagem, mas um sociólogo formado pela Escola de Chicago, que possuía grande tradição em pesquisa etnográfica e interesse pela interação social. Mais do que uma instituição, a Escola de Chicago se tornou uma “escola de pensamento”, já que suas ideias se espalharam pelo mundo junto com os pesquisadores que ela formou.

Os estudos de Goffman chegaram ao Brasil na década de sessenta, quando o país passava pelo golpe militar, um momento de extrema repressão política e radicalização teórica nas ciências sociais. (VELHO, 2004; GASTALDO, 2008). Nessa época, segundo Velho (2004, p. 38), havia um crescente interesse por uma análise e política do cotidiano,

abrindo campo para um olhar “micro”². Contudo, Gastaldo (2008, p. 149) indica que a obra de Goffman ainda é pouco explorada no país, mesmo reconhecendo que seus três principais livros, *A representação do eu na vida cotidiana*³ (1959), *Estigma* (1963) e *Manicômios, prisões e conventos* (1961), possuem ampla divulgação entre estudantes e pesquisadores.

Segundo Branaman (1997, p. 46-47), a obra de Goffman pode ser entendida a partir de quatro ideias básicas: (i) o “self” é um produto das performances dos indivíduos e dos constrangimentos sociais. Isto significa que, para Goffman, não existe uma essência, um “eu” verdadeiro por trás da máscara, mas sim performances que são validadas publicamente; (ii) precisamos dar a melhor imagem de nós mesmos e, para isso, dependemos de acesso a bens pessoais, privacidade e autonomia. Desse modo, um “self” confinado, como mostra Goffman (1961), perde os atributos considerados pela sociedade dominante como requisito da humanidade plena; (iii) partindo das metáforas do teatro, do ritual e do jogo natureza da vida social, Goffman mostra que manipulação e moral estão associadas. Por conta da ordem moral empreendemos estratégias para defesa da face (nossa e a dos outros); (iv) a experiência social é ordenada por enquadres, i.e., eventos, ações, performances e “selfs” dependem do enquadramento do seu significado.

Em seu texto *A situação negligenciada*, publicado originalmente em 1964, Goffman faz um apelo para que pesquisadores de diversas áreas, como linguistas e sociólogos, observem a situação social que compõe a comunicação face a face. O autor (2013 [1964]) destaca a relevância desse olhar para a situação questionando: “onde ocorre a fala senão em situações sociais?” (GOFFMAN, 2013 [1964], p. 17). Para Goffman (2013 [1964]), a situação social pode ser definida:

[...] como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’ e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. [...] uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e ela dura até que a penúltima pessoa saia. (GOFFMAN, 2013 [1964], p. 17).

² Gastaldo chama atenção para uma super valoração atribuída aos estudos “macro” em abordagens sociológicas. No âmbito das ciências sociais brasileiras, o termo “micro” por vezes foi entendido de forma equivocada como sendo de “menor valor”. (VELHO, 2004; GASTALDO, 2008). É importante destacar ainda, que “micro” e “macro” são ordens diferentes e que o “micro” não pode ser tomado como uma espécie de colcha de retalhos para acessar o “macro”.

³ Segundo as considerações de Gastaldo, o título em português – *A representação do eu na vida cotidiana* – não foi feliz ao utilizar “representação” para tradução de “presentation” e “eu” em vez de “self”. Segundo o autor, “self” é um conceito central na teoria sociológica de Chicago, e por conta de sua difícil tradução, é normalmente utilizado no original. (GASTALDO, 2008).

Segundo Ribeiro e Garcez (2013, p. 13), com o reconhecimento da importância da situação social, o estudo da relação língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos. O convite de Goffman para olhar a situação, que estava sendo deixada de lado pelos estudos das ciências sociais e humanas, ou negligenciada em suas próprias palavras, mostra sua forte preocupação com a análise das interações sociais.

O trabalho de Goffman pode dialogar com o interacionismo (VELHO, 2004, p. 42) e, no âmbito dos estudos da linguagem, a sociolinguística interacional bebe dessa fonte, pois tem interesse especial pelo estudo das interações face a face. De acordo com Lemert (1997, p. 35), o interesse de Goffman pela linguagem e pelas estratégias expressivas sempre estiveram presentes desde o início de sua obra, pois a questão básica do trabalho de sua vida era compreender como a realidade social se sustenta. Usamos a linguagem para performar identidades e não para refletir uma identidade que já existe.

Em seu primeiro livro, *A representação do eu na vida cotidiana* lançado em 1959, Goffman trata sobre como as pessoas desempenham seus papéis na vida social e sobre as tensões da dinâmica de manutenção das aparências. O autor entendia que as relações sociais estão organizadas em volta mais da aparência do que o conteúdo das coisas, ou do que chamamos comumente de realidade. (LEMERT, 1997, p. 32). Partindo de uma metáfora teatral, Goffman mostra que sempre pretendemos apresentar a melhor versão de nós mesmos. Desse modo, o autor assume uma perspectiva interacionista, olhando para o encontro social e perguntando *O que está acontecendo aqui e agora?* Segundo Gastaldo (2008, p. 150), esse questionamento é central para uma compreensão do modo como as pessoas orientam suas ações na vida cotidiana.

Bourdieu (2004, p. 12) retrata Goffman como um pesquisador apaixonado pelo real. Segundo o autor (2004, p. 12), Goffman captou a lógica do trabalho de representação por meio de indícios sutis e fugazes. Isto é, ele percebeu como os sujeitos sociais utilizam estratégias em um esforço para construir suas próprias identidades, moldando suas imagens. Para Bourdieu (2004, p. 11), ainda, Goffman foi o descobridor do infinitamente pequeno:

A obra de Erving Goffman representa o produto mais bem sucedido de uma das maneiras mais originais e raras de praticar a sociologia aquela que consiste em olhar de perto e longamente a realidade social, em vestir o avental de médico para penetrar o asilo psiquiátrico e se colocar assim no próprio espaço desta infinidade de interações ‘infinitesimais’ cuja integração faz a vida social. (BOURDIEU, 2004, p. 11).

Penso que o olhar de Goffman para o detalhe minúsculo das relações sociais pode indicar um caminho teórico para a análise das interações texto-leitor. Meu olhar para essa interação, que convenciono chamar de interação leitor-texto-leitor pela leitura mediada que propus, tem como foco os momentos de co-construção de identidades, de significados e de (re)elaboração da experiência como oportunidades de letramento literário crítico. Neste trabalho, portanto, para análise da co-construção de sentidos na interação entre as participantes, enfocarei os conceitos *instituições totais* (1961), de *estigma* (1963) e de *display de gênero* (1979)⁴.

De acordo com Velho (2004, p. 38), a análise do cotidiano e das relações interpessoais em uma perspectiva antropológica estimulou o desenvolvimento de trabalhos e investigações com preocupações interdisciplinares. Dessa forma, este trabalho de caráter inter ou transdisciplinar (MOILA LOPES, 2006) se justifica por relacionar áreas da linguística de base social, a sociologia e a literatura, como já disse, um campo pouco explorado a partir de um olhar discursivo e social.

Percursos e olhares Goffmanianos

É importante mencionar que esta análise está baseada em uma metodologia de pesquisa qualitativa. (DENZIN e LINCOLN, 2006). Segundo Denzin e Lincoln (2006, p. 17), os pesquisadores, em geral, estudam as coisas em seus contextos, tentando interpretar os fenômenos em termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem. Desse modo, este trabalho é de cunho interpretativo e não há uma resposta única, fechada ou verdadeira para qualquer questão.

Eu participo desta interação junto com Cássia (mãe desta pesquisadora) a partir da leitura da obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Essa obra foi selecionada a partir do contexto de vida da interlocutora Cássia, que migrou⁵ do Nordeste para o Sudeste ainda na adolescência, temática retratada na obra literária. Minha intenção era, de fato, causar alguma identificação entre Cássia e a obra de Lispector. Sendo assim, era esperado

⁴ Os conceitos de Goffman serão explicitados ao longo das análises.

⁵ Lisboa (2006, p. 152) define “migração” como “uma ação social de caráter individual ou coletiva, espontânea ou forçada, que ocorre através de um deslocamento interno (do campo para a cidade, de uma cidade para outra, no mesmo país), ou externo (de um país para o outro); envolve cruzamento de fronteiras administrativas e políticas (territórios), e fixação de nova residência, bem como um processo de desenraizamento do local de origem seguido de novo enraizamento (aculturação) no local de chegada.”

por mim que a interlocutora contasse, durante nossa conversa informal, histórias sobre sua migração para o Rio de Janeiro, Estado onde mora há quarenta e dois anos.

Por situar esta pesquisa no âmbito familiar, busco respaldo na autoetnografia, cujo método abraça as reflexões do pesquisador como objeto de estudo. Segundo Ellis e Bochner (2000), a autoetnografia pode ser entendida como um gênero autobiográfico que conecta o pessoal e cultural, objetivando requalificar a relação entre objeto e observador ou entre participante e pesquisador, priorizando a interação entre eles. Sendo assim, a experiência pessoal tem sua importância ressaltada, sendo compreendida como construção de conhecimento. O pesquisador pode, então, ocupar o lugar da subjetividade, assumindo a impossibilidade de ser imparcial diante da vida social da qual é parte.

O encontro das interlocutoras com a obra literária aconteceu no dia 02/05/16, na casa das participantes. Por motivos de nível de letramento, Cássia ouviu a história que foi lida pela pesquisadora. Creio que esse movimento de escuta não invalida a prática social de leitura, mas, ao contrário, constitui-se, propriamente, como um momento de letramento. Considerando o letramento em um contínuo (SOARES, 1998, p. 70), acredito que contar a história para Cássia foi um momento de prática social de letramento literário crítico, pois nossa discussão ao longo da leitura e posterior a ela, que gerou muitas narrativas, foi reflexiva.

O momento da leitura da obra foi realizado de forma dividida: a primeira parte à tarde, gerando o primeiro áudio de 01:51:07s; e a segunda, à noite, gerando o segundo áudio com 01:55:10s. Como eu esperava, Cássia produziu narrativas sobre sua vida difícil na Paraíba, sua chegada ao Rio de Janeiro e também contou sobre como era ser nordestina e empregada doméstica, ponto de enfoque neste trabalho.

O recorte que escolho analisar neste trabalho surgiu após o término da leitura da obra, enquanto conversávamos informalmente e de forma reflexiva sobre os acontecimentos que culminaram na morte de Macabéa – personagem principal de Clarice Lispector em *A hora da estrela* –, se localizando, portanto, durante a interação dos minutos 1:26:48s e 01:37:06s do segundo áudio. Esse recorte da interação encontra-se inteiramente transcrito (cf. anexo I) a partir de convenções baseadas nos estudos de análise da conversação (cf. anexo II). Como dito anteriormente, empreendo essa análise sob a perspectiva goffmaniana com o objetivo de gerar maiores entendimentos sobre o que está acontecendo nesse momento de leitura literária, em que a análise da interação face a face precisa ser uma análise da interação entre leitor-texto-leitor.

Na perspectiva teórica dos estudos interacionistas, o contexto ganha relevância, pois todos os significados são situados. Segundo Ribeiro e Garcez (2013, p. 8), o contexto passa a ser entendido como criação conjunta de todos os participantes presentes no encontro e emergente a cada encontro interacional em curso. Neste trabalho, o contexto de leitura da obra literária, é fundamental para compreensão da interação. Para Goffman (2012 [1974]), o enquadre pode ser definido como o “pano de fundo”, “cenário”, “contexto”. O enquadre são os princípios e regras que governam a interação. (GOFFMAN, 2012 [1974]).

Dessa forma, entendo que, nesta interação, a situação é definida como uma conversa informal sobre a obra literária que acabamos de ler. Mais especificamente, neste recorte da interação, em que vemos Cássia me questionar “o que eu acho da obra” (cf. linha 1), eu enquadro nossa conversa em um aspecto social da obra. Pensando na escolha da obra escolhida para a leitura, é pertinente destacar que o enredo simples da nordestina, pobre, que migra para a cidade grande e morre após consultar uma cartomante pode não ser meramente ingênuo.

Segundo Souza (2006, p. 25), em *A hora da estrela* é possível perceber uma tomada de consciência social, justamente pelo momento que o país atravessava sob o jugo dos militares, o que, certamente, influenciou a obra de Clarice Lispector, como toda a literatura brasileira produzida no período. O social se torna um elemento que compõe com o literário um todo indissolúvel e desempenha papel de agente na constituição da estrutura narrativa (SOUZA, 2006, p. 19). Dessa forma, comumente analisada pelos teóricos da literatura pelo aspecto intimista de sua obra, Lispector mostra-se, neste romance, engajada com a vida social, atirando na cara das elites a miséria humana que o grande capital internacional produz em países como o Brasil, periférico aos centros de concentração e acumulação de capitais. (SOUZA, 2006, p. 38).

Outro aspecto essencial para a compreensão dessa interação é a relação entre as participantes. Nós realizamos a leitura com Cássia no papel de participante e eu assumindo o lugar da pesquisadora, todavia nossas relações familiares de mãe e filha não se dissolvem. Penso que esse é um dos fatores que contribuem para nosso alinhamento, ou seja, a postura, a forma como nós duas nos projetamos em relação a outra em relação ao discurso que está sendo construído. (RIBEIRO; GARCEZ, 2013, p. 107). Cássia, desse modo, continua minha fala em alinhamento comigo e reenquadrando a conversa de modo

a reelaborar sua vivência como empregada doméstica no Rio de Janeiro na década de setenta (cf. excerto 1, linha 12).

Cássia, ao se alinhar com a minha fala sobre o apagamento do nordestino e reenquadrar para a questão do trabalho doméstico, evidencia um possível traço de estigma do “ser doméstica”, pois, em sua fala, esse era seu único valor atribuído pela sociedade (cf. excerto 1, linhas 12-13). Goffman conceitua o indivíduo estigmatizado, inicialmente, como “aquele que não está habilitado para a aceitação social plena”. (GOFFMAN, 1988 [1963], p. 7 apud BIAR, 2015, p. 117). O estigma, para o autor, não é uma etiqueta com categorias pré-determinadas a serem aplicadas a um indivíduo ou a um grupo, mas é construído por conta de uma informação social negativa que o sujeito transmite sobre si mesmo, de forma voluntária ou não. Por outro lado, o estigma seria a observação de um atributo profundamente depreciativo que entra em tensão com o estereótipo, com a expectativa que temos sobre o indivíduo. (BIAR, 2015, p. 117).

Cássia narra o estigma atribuído a ela mesma, de ser doméstica e nordestina, em alinhamento à minha fala. É interessante notar que ambas as falas estão contextualizadas pela obra literária, remetendo à Macabéa, nordestina que não existe e que não é ninguém (cf. excerto 1, linhas 12-15). Minha interlocutora vai além, dizendo que ser “ser pobre era uma humilhação”, mais um dado para sua cota de atributos depreciativos (cf. excerto 1, linha 18-19). Ela ainda sinaliza o fato da ausência de laços de parentesco com a fala “sem pai sem mãe piorava a situação”.

O estigmatizado não vive em um mundo à parte, e costuma compartilhar as expectativas sobre identidade e comportamento social com os ditos “normais”, aprendendo a perspectiva da normalidade, adquirindo, crenças da sociedade mais ampla em relação ao que significa possuir uma marca de diferença que os outros veem como defeito, e permanece suscetível a essa perspectiva. (GOFFMAN, 1988 apud BIAR, 2015, p. 117). Quando o estigma é reconhecido, o indivíduo é reduzido às características negativas e passa a ser descreditado. Dessa forma, como efeito das práticas sociais nas quais Cássia estava inserida, todas essas características compõem seu estigma em sua fala. Ser “normal”, portanto, seria ter nascido no Sudeste, possuir acolhimento da família, ser de uma classe social superior e ser bonita.

Cássia faz referência ao estigma que Macabéa também carrega, adicionando de forma enfática os atributos negativos da personagem, que é “magra” e “feia com mancha na cara” (cf. excerto 1, linhas 23-24). Macabéa é definitivamente afetada por sua condição

social, na medida em que ela determina todas as suas carências. (SOUZA, 2006, p. 85). Como veremos a seguir, Cássia tenta discursivamente se afastar dessas características de Macabéa, talvez de forma a se afastar do próprio estigma.

Excerto 1

1	Cássia	que que você acha? ↓do livro também. ... você gostou?
2	Odete	eu gostei. ... eu acho que:: ... tem uma grande questão aí
3		so- em relação a classe social né eu acho que ... quando a
4		clarice escreveu esse livro ela ela queria:: denunciar::
5		como os nordestinos eles ficam ... é ap- >é pelo menos da
6		época dela né ela escreveu esse livro em setenta e sete<
7		... como eles ficavam <u>apagados</u> né acho que a Macabéa é um::
8		... é uma alusão a esse apagamento que o nordestino né >em
9		geral o nordestino né< que vem aqui pro- migra né do
10		nordeste vem aqui pro Rio e:: quem é esse nordestino né e
11		ela vai as vezes- ... é:: o narrador fala né
12		Cássia
13		
14	Odete	[ah o narrador fala
15		que:: ela não existe que ela não é <u>ninguém</u> :: [que ninguém olha pra
16	Cássia	[é não é ninguém
17	Odete	ela então acho que tem uma denúncia aí né.
18	Cássia	exatamente por que ela era <u>pobre</u> principalmente ser <u>pobre</u>
19		SER POBRE sempre foi ... >sempre foi sempre foi< mais a
20		humilhação imagina naquela época era pior ... <u>ser pobre</u>
21		<u>nordestina</u> e sem pai e sem mãe piorava a situação ...
22	Odete	°é o caso dela°
23	Cássia	piorava a situação ... e <u>MAGRA</u> e <u>feia</u> com mancha na cara
24		... é mais difícil

No excerto 2, Cássia está concluindo um pequeno episódio que narra uma desavença com sua irmã por uma questão de ciúme. Nesse momento, Cássia começa a se construir discursivamente na diferença de Macabéa, inclusive marcando essa diferença em tom mais elevado da voz (cf. excerto 2, linha 79). Quando ela diz ser “morena do cabelo cacheado”, “bonita”, com “corpo magrinho trinta e oito” e com “bundinha empinadinha” (cf. excerto 2, linhas 80-81), ela não apenas está performando, mas está assumindo para si mesma um *display de gênero* (GOFFMAN, 1979), ou seja, marcando discursivamente o que é ser mulher não estigmatizada por sua aparência.

Segundo Gastaldo (2008, p. 152), o termo *display* vem da etologia, ramo da biologia que estuda o comportamento animal, e significa a maneira pela qual eles indicam seu alinhamento a determinada situação. Em *Gender advertisements* (1979), Goffman parte desta perspectiva para analisar anúncios publicitários, explorando a representação de homens e mulheres. O *display de gênero* seria, portanto, marcadores ritualizados que indicam o pertencimento a grupos de gênero que são assimilados de forma tácita. (GASTALDO, 2008). Goffman desessencializa a noção de gênero como sendo natural, inerente ao ser humano, mostrando que as noções de masculino e feminino são construções sociais.

Dessa forma, se alinhando a um *display de gênero*, do que é ser feminino, Cássia pode escapar do estigma da nordestina, magra, feia, representada por Macabéa. Contudo, essa construção da “mulher bonita”, pode, dependendo do enquadramento e da definição de situação, constituir um estigma em uma sociedade em que o sexo feminino está subjugado ao masculino. O fato dela ser uma mulher muito bonita, desejável, aparece como estigma quando, por exemplo, uma patroa a manda embora por ser “muito bonita” (cf. excerto 2, linhas 92-94), ou quando Cássia expõe sua opinião sobre aparência física, como veremos a seguir.

Percebo que as relações hierárquicas de gênero estão presentes em toda a nossa interação e todos os episódios que Cássia narra estão relacionados a esse ponto. Também ligado ao que significa ser homem e mulher, Cássia conta sobre as condições de trabalho em que ela vivia nas chamadas “casas de família”. Em sua fala, ela mostra como se comportavam os padrões do sexo masculino e feminino, endossando os *displays de gênero*, i.e., o que é preciso para se enquadrar no que é considerado adequado.

Essa ideia de condutas ritualizadas aparece presente na narrativa de Cássia, quando é naturalizado o assédio sexual e, até mesmo o abuso, sofrido por ela (cf. excerto 2, linhas 86-91). Também é naturalizada, em seu discurso, a culpa pelo abuso como sendo do sexo feminino. É possível observar isso na fala “se a empregada desse mole eles comiam mesmo passava na frente” (cf. excerto 2, linha 89-90) e, também, na fala reportada de uma das patroas que diz não manter o emprego de Cássia por sua beleza (cf. excerto 2, linha 92-93). Ou seja, a construção discursiva de Cássia mostra que já é esperado, por uma conduta ritualizada nessa sociedade, que o homem, animalesco, vá atrás da fêmea que bem entender, mesmo que ela seja sua funcionária. Para que a culpa não recaia sobre ela, é a mulher que deve se cuidar, se resguardar.

Excerto 2

76	Cássia	<não ela ficou <u>chateada</u> > porque eu falei que não ia ficar
77		lá porque o marido dela João tava dando em cima de mim ...
78		ela ficou com ciúme do cara de comigo com o cara ... E EU
79		ERA DIFERENTE DA MACA- dessa menina eu era morena do cabelo
80		cacheado <u>bonita</u> ... entendeu? ... corpo magrinho trinta e
81		oito com bundinha empinadinha parecia uma formiguinha ...
82		a socorro já me chama de bundinha empinadinha hehehe e
83		todas as casas que eu trabalhava que tinha patrão novo eu
84		saia de lá ficava um mês quinze dias saia,
85	Odete	hum.
86	Cássia	<u>patrão</u> dava em cima da minha porta do meu quarto queria me
87		comer me pegar ... queria me pegar ... teve uma casa que
88		eu fui trabalhar ... >naquela época eles dava em cima mesmo
89		se a empregada desse mole eles comiam mesmo passava na
90		frente< ... passava rolo ... teve uma casa que eu fui
91		trabalhar fiquei uma semana lá ... a mulher já conhecia o

92	marido ... ela falou "é eu sou muito sincera dizer cássia
93	não vou ficar com você aqui não porque você é muito bonita
94	... eu conheço meu marido" ele já tava de olho realmente
95	em mim ... eu já tava doida pra ir embora de lá ela falou
96	isso na minha cara que não ia ficar comigo porque eu
97	era muito bonita para trabalhar ... lá o marido dela era
98	muito safado ... era acostumado a () empregada ... eu não
99	queria um marido desse eu ficava imaginando assim eu vou
100	querer um marido desse que dá em cima da minha empregada
101	... entendeu?

No excerto 3, Cássia reitera os *displays de gênero* e a hierarquia do masculino sobre o feminino, dizendo que a mulher dependia do homem, por isso "aceitava as safadezas dele" (cf. excerto 3, linhas 107-110). Em seguida, ela segue se construindo como uma mulher muito bonita, que "parava o trânsito" (cf. excerto 3, linhas 112-116). Como já explicitiei, acredito que Cássia utiliza essa construção como uma estratégia para sair de uma posição de estigma da "mulher feia", que não condiz com o modo ritualizado como uma mulher deve se apresentar. Se construir como essa mulher bonita, ainda, pode ser um modo de justificar os abusos sofridos em casas de família. Percebo que Cássia recorre aos *displays* para organizar sua experiência e compreender como funcionam as relações entre os gêneros.

Entendo que, apesar dessa aparente naturalização das relações entre os gêneros, existe no discurso de Cássia uma resistência, quando ela fala, por exemplo, que "não queria um marido desse" (cf. excerto 2, linhas 98-101). Também compreendo como forma de resistência a importância que a participante atribui a atividade escolar. Ela repente, enfatizando o processo "estudar" como uma ação que poderia ter, talvez, transformado sua vida. Utilizar o processo "tivesse escutado", no modo subjuntivo, me sugere uma dúvida, um momento de vida que ficou incompleto, isto é, algo poderia ter acontecido se ela tivesse seguido o conselho de seu amigo (cf. excerto 3, linhas 116-119).

Nesse momento, Cássia começa a fornecer maiores detalhes sobre suas relações de trabalho e explicita o motivo pelo qual parou de estudar: “tinha casa que não dava permissão para estudar a noite” (cf. excerto 3, linhas 119-120). É possível perceber que a relação de trabalho que Cássia mantinha era abusiva. Segundo Lisboa (2006, p. 160), as relações entre trabalhadoras domésticas e patrões são complexas e multidimensionais, porém, em sua essência, configuram um tipo de exploração, perpetuando um sistema de estratificação social que articula necessariamente as categorias gênero, classe e etnia. O abuso e assédio sofridos por Cássia não era apenas o sexual, mas sim a privação de sua própria vontade. Sendo assim, entendo que Cássia constrói as chamadas “casas de família” como instituições totais.

Goffman (1974 [1961], p. 11) define as instituições totais como um local de residência e trabalho em que indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. O autor entende que locais como manicômios, conventos e internatos, por exemplo, são modelos desse tipo de instituição que significa o todo do mundo para um indivíduo.

Segundo o autor (1974 [1961], p. 16), ainda, toda instituição conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes e lhes dá “algo de mundo”. Toda instituição, portanto, possui uma tendência a um fechamento, isto é, de ser uma instituição total. Esse fechamento a que Goffman se refere é simbolizado pela barreira à relação com o mundo social externo. Um dos tipos de instituições totais que Goffman descreve são as instituições estabelecidas para a realização de alguma tarefa de trabalho de forma mais adequada, e que se justificam apenas por meio de tais fundamentos instrumentais (GOFFMAN, 1974 [1961], p. 16-17), características das “casas de família” descritas.

Percebo, no discurso de Cássia, que as casas de família se tornam esse lugar em que ela se alimenta, dorme e trabalha, onde há um grupo hierarquicamente superior (os patrões atuando como o grupo da supervisão), que administra seus horários e suas atividades rigorosamente estabelecidas. Isso fica evidenciado na fala “tinha que servir janta colocar comida na mesa tirar a mesa” (cf. excerto 3, linhas 121-122). Cássia reitera que precisava do trabalho, pois não tinha local para dormir.

Era preciso se sujeitar a qualquer tipo de humilhação nas “casas de família” para que ela não precisasse se tornar uma prostituta, papel que ela estigmatiza” (cf. excerto 3, linhas 123-129). Esse, talvez, seja o efeito de loop, que significa que toda tentativa de

denunciar a humilhação leva a mais humilhação. Cássia existia em uma suspensão de lares reais e potenciais e se coloca no lugar de escrava (cf. excerto 3, linhas 130-131), termo forte, porém adequado a situação de subsistência e servidão. Ou seja, o “self” é esfacelado e todos os papéis que Cássia poderia exercer no mundo externo, como o de estudante, são retirados.

Excerto 3

107	Cássia	tinha que aceitar o marido e >tinha algumas
108		mulheres< que
109	Odete	ah::
110	Cássia	então <u>aceitava</u> as safadezas dele botava até a
111		empregada
112		para fora ... entendeu? sabia e botava a empregada
113		para
114		fora entendeu? ... eu quando me arrumava o
115		trânsito eu saia
116		na real grandeza fazia os carros até bater no
117		outro hã
118		... de tão bonita que eu era era↑ se vê pelas
119		fotos de
120		cabelo curtinho né que eu tinha né pelas fotos
121		sua mãe era
122		muito bonitinha entendeu? ... aí seu santo dizia
123		<u>estuda</u>
124		minha filha <u>estuda</u> se eu tivesse escutado ele ...
125		eu tinha
126		estudado mais se tivesse feito um pouco mais de
127		esforço
128		tinha estudado mais mas tinha casa que não dava
129		... não
130		dava:: >como é que se diz< permissão para estudar
131		a noite
132		tinha que servir <u>janta colocar comida na mesa↑</u>
133		<u>tirar↑ a↑</u>
134		<u>mesa↑</u> ... e aí eu tinha que parar de estudar
135		entrava em
136		uma casa↑ começava↑ a↑ estudar↑ e saia ...
137		entendeu? não
138		era mole não naquela época era difícil e eu
139		precisava do
140		trabalho para <u>dormir</u> que eu não tinha onde dormir
141		... OU
142		EU ACEITAVA ... trabalhar na casa para dormir IA
143		DORMIR

127		AONDE? na rua, tinha que aceitar isso ... entendeu? ...
128		então seria o que? prostituta mulher do mangue né eu nunca
129		queria ser isso jamais ... entendeu? não é mole não
130		sujeitava a muita, ... CHEGAVA GENTE visita se era igual
131		escrava ... nove dez horas da noite tinha que ir pra cozinha
132		fazer <u>café</u> pra visita.
133	Odete	acho que é a grande questão da existência né que ela fala
134		né
135	Cássia	exatamente tinha que fazer as coisas e quando era cedo
136		tinha que acordar ... 6 horas da manhã eu tava em pé
137		trabalhei, muito, 6 horas TINHA UMA CASA que eu trabalhei
138		que eu acordava 5 e meia 6 horas eu ia pra padaria pegar
139		pão 7 horas o café tinha que estar na <u>mesa</u> antes de 7 horas
140		... entendeu? ... estudava a noite nessa época fazia isso
141		... eu nem dormia quase dormia muito pouco ... e
142		adolescente sente muito sono né

No momento final deste recorte, Cássia conclui sua narrativa de sofrimento, retomando o tema inicial sobre a questão da aparência. Macabéa, personagem de *Lispector*, é narrada como uma mulher feia, que foge do padrão do que é ser feminino. Cássia se constrói na diferença, marcando sua beleza como aspecto que pode ou não ser estigmatizado dependendo da definição de situação e do enquadre. Cássia percebe essa dualidade ao dizer “é bom pra uma coisa que você é bonita e ruim pra outra coisa né” (cf. excerto 4, linhas 147-148).

Em uma espécie de metalinguagem, Cássia faz reflexões extremamente goffmanianas ao assumir que a sociedade vive de aparências (cf. excerto 4, linhas 156-173). Penso que essa concepção encontra respaldo nos *displays de gênero*. Cássia diz que “ninguém queria ter colega feia” (cf. excerto 4, linhas 157) e que “ser muito feia ser mal vestida demais ninguém queria muita amizade com você” (cf. excerto 4, linhas 160-161), remetendo a características que se esperam do sexo feminino: ser bela e bem cuidada.

Compreendendo o “self” como uma construção social, percebo, no discurso, a tentativa de sustentar uma autoimagem. Cássia se co-constrói junto à Macabéa, se afastando da personagem, para se colocar sob uma luz favorável.

Excerto 4

147	Cássia	minha filha não é mole não entendeu? ... É BOM pra uma
148		coisa que você é bonita e ruim pra outra coisa né ... que
149		<u>feia</u> que <u>magra</u> é ruim que você não consegue ... que quando
150		você É uma pessoa <u>assim</u> ... que tem aparência ... que é
151		mais bonita você arranja mais amizades† ... aqui no Rio de
152		Janeiro naquela época era <u>assim</u>
153	Odete	será que são amizades de <u>verdade</u> né?,
154	Cássia	era [só mais para tirar proveito]
155	Odete	[que só te querem pela aparência†]
156	Cássia	É- E A SOCIEDADE não sempre foi foi <u>assim</u> ? ... entendeu?
157		... ninguém queria ter colega feia naquela época chegar em
158		um lugar e apresentar uma colega feia ... entendeu? ... e
159		até pra ter amizade naquela época você tinha que ter
160		<u>aparência</u> ... ser muito <u>feia</u> ser <u>mal vestida</u> demais ninguém
161		queria muita amizade com você ... <é difícil† Odete> essa
162		coisa- a sociedade é muito é muito ... a sociedade é muito
163		ruim ATÉ HOJE né Odete ... até hoje ... CHEGA NUM LUGAR AÍ
164		mal vestido e chega um bem vestido pra ver quem eles atendem
165		primeiro quem o bem vestido ... VAI DE SANDÁLIA DE DEDO
166		sair por aí pra algum lugar eles te botam tu pra <u>fora</u> o
167		que chegar lá bem vestido vai atender <u>melhor</u> † ... <u>aparência</u>
168		tudo muda Odete ... aparência é tudo eles vê muito a
169		<u>aparência</u> ... as vezes chega um trabalhador lá de roupa

170	meia meia maltrapilha uma roupinha mais feia mas
171	chega um cara de <u>terno</u> de sapato <u>bonito</u> (então é status) e
172	as vezes é um bandido e assaltante agora tá colocando <u>terno</u>
173	e <u>gravata</u> para roubar ... entendeu? ... tudo isso.

Últimas palavras

Durante a elaboração deste trabalho, ao longo de um café da manhã, o assunto sobre as condições de trabalho que Cássia enfrentou ao longo de sua vida “voltou à mesa”. Disse para ela, então, sobre o que escrevia, lhe disse que contava sua história para o mundo e que era preciso falar sobre todos os abusos que ela sofreu. Cássia chorou. Chorou todo o sofrimento contido nessa interação e o que pude fazer foi abraçá-la e chorar junto.

Espero que este trabalho corresponda ao que disse para Cássia, que além de, em um nível maior, tentar compreender a interação leitor-texto-leitor, que seja um espaço para que a história dela seja contada, uma história que também é minha. Reconheço em Cássia toda a força e toda a luta que me trouxeram até aqui, um curso de doutorado. Toda importância que ela sempre atribuiu à educação e ao estudo, formaram uma mestra e, em breve, uma doutora.

Também espero que esse momento de interação, que foi um momento de letramento literário crítico, seja reelaborado e proporcionado mais vezes. Creio que a literatura, assim como a própria linguagem, é possibilidade de reelaboração de nossas próprias experiências passadas. Contar e recontar histórias também nos permite recriar o futuro e isso é ter esperança.

O discurso de Cássia mostra uma sociedade profundamente marcada pela diferença, pela individualização ser. Penso que os conceitos utilizados foram essenciais para pensar o que co-construímos, discursivamente, a partir da leitura literária. Indo além da percepção estética da obra, é importante olhar para os aspectos sociais de uma obra como *A hora da estrela*, escrita em 1977, mesma década que Cássia veio da Paraíba para o Rio de Janeiro e começou a trabalhar nas “casas de família”.

Para além da compreensão da dinâmica dessa situação de trabalho, que entendi a partir do conceito de instituições totais, é essencial discutir o estigma que Cássia narra. Ser nordestina, sem família, pobre, doméstica, feia ou bonita. Ser mulher. Estigmas construídos socialmente e que reverberam ainda hoje. Também, falar sobre os *displays*

de gênero que circulam em nossa sociedade e que são culturalmente aceitos e ratificados faz-se relevante. Quantas vezes justificamos atitudes reprováveis do sexo masculino com a justificativa de que “é homem, é assim mesmo”?

Uma das principais críticas feitas à obra de Goffman é de que ele não possuía um método replicável, uma teorização que pudesse ser colocada em uma caixa. Contudo, o próprio autor sinaliza que não pretendia fornecer uma canção de ninar, mas apenas observar como as pessoas roncam. Penso utilizar as lentes de Goffman para olhar a vida social e a interação entre duas leitoras e uma obra literária foi proveitoso. De acordo com Lemert (1997, p. 13), a experiência dos efeitos de Goffman é a de colonizar um novo lugar em que o leitor entra e do qual ele nunca sai o mesmo.

Penso que é essa a sensação exata que Goffman me proporciona. É impossível “desver” o que se viu, por isso depois de ler Goffman é impossível enxergar a vida social do mesmo modo que antes. Goffman força os leitores a partir da conveniente ilusão de que sua experiência é exclusivamente nossa, individual, para perspectivar nossa visão do mundo, por vezes tão essencializada.

Referências

BIAR, L. *Desvio e estigma: caminhos para a análise discursiva*. In: Revista Calidoscópico, 2015.

BORDIEU, P. Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, E. (Org.). *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

BRANAMAN, A. Goffman's social theory. In: LEMERT, C.; BRANAMAN, A. (Orgs.). *The Goffman Reader*. Malden, Mass; Oxford: Blackwell, 1997.

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. (2ªed.) São Paulo: Contexto, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (2ª ed.). Porto Alegre: ARTMED, 2006.

ELLIS, C.; BOCHNER, A. P. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: Researcher as subject. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research* (pp. 733-768). London: Sage, 2000.

GASTALDO, E. *Goffman e as relações de poder na vida cotidiana*. In: RBCS, vol. 23, no. 68, 2008.

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975 [1959].

_____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974 [1961].

_____. *Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988 [1963].

_____. *Gender advertisements*. Nova York: Harper and Row, 1979.

_____. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012 [1974].

_____. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2013.

_____. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, 2013.

LEMERT, C. Goffman. In: LEMERT, C.; BRANAMAN, A. (Orgs.) *The Goffman Reader*. Malden, Mass; Oxford: Blackwell, 1997.

LISBOA, T. K. *Gênero e migrações – trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas*. REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Ano XIV - Números 26 e 27 – 2006. p. 151-166.

LISPECTOR, C. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 [1977].

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

RIBEIRO, B. T.; P. M. GARCEZ (Orgs.) *Sociolinguística Interacional*. (2ªed.). São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. São Paulo: Autêntica, 1999.

SOUZA, A. A. A. de. *O humanismo em Clarice Lispector: um estudo do “ser” social em A hora da estrela*. São Paulo: Musa editora; Editora UEMS, 2006.

VELHO, Gilberto. Becker, Goffman e a antropologia no Brasil. In: GASTALDO, E. (Org.). *Erving Goffman, desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004.

ANEXO I

Transcrição

1	Cássia	que que você acha? ↓do livro também. ... você gostou?
2	Odete	eu gostei. ... eu acho que:: ... tem uma grande questão aí
3		so- em relação a classe social né eu acho que ... quando a
4		clarice escreveu esse livro ela ela queria:: denunciar::

5		como os nordestinos eles ficam ... é ap- >é pelo menos da
6		época dela né ela escreveu esse livro em setenta e sete<
7		... como eles ficavam <u>apagados</u> né acho que a Macabéa é um::
8		... é uma alusão a esse apagamento que o nordestino né >em
9		geral o nordestino né< que vem aqui pro- migra né do
10		nordeste vem aqui pro Rio e:: quem é esse nordestino né e
11		ela vai as vezes- ... é:: o narrador fala né
12	Cássia	a sociedade antigamente não dava valor só para ser
13		empregada domé::↑stica ... [trabalhar ...
14	Odete	[ah o narrador fala
15		que:: ela
16	Cássia	não existe que ela não é <u>ninguém</u> :: [que ninguém olha pra
17		[é não é
18		ninguém
19	Odete	ela então acho que tem uma denúncia aí né.
20	Cássia	exatamente por que ela era <u>pobre</u> principalmente ser <u>pobre</u>
21		SER POBRE sempre foi ... >sempre foi sempre foi< mais a
22		humilhação imagina naquela época era pior ... <u>ser</u> <u>pobre</u>
23		<u>nordestina</u> e sem pai e sem mãe piorava a situação ...
24	Odete	°é o caso dela°
25	Cássia	piorava a situação ... e <u>MAGRA</u> e <u>feia</u> com mancha na cara
26		... é mais difícil
27	Odete	e ela- a:: personagem ela ... era <u>magra</u> e tudo porque ela
28		não↑ se↑ alimentava↑ direito↑ né↑
29	Cássia	é porque não <u>tinha</u> comida o que ela ganhava era muito pouco
30	Odete	provavelmente ela ganhava [pouco
31	Cássia	[ganhava ()
32	Odete	E ATÉ em um momento fala né que ela ganhava menos de um
33		salário mínimo [...] como datilógrafa ...
34	Cássia	[É] mas
35		tem muitas
36		dessas que vem pra cá acontece isso mesmo dete naquela

34		época >naquela época< ... eu vim pra cá em setenta e quatro
35		... entendeu? ... então naquela época realmente era se você
36		não encontrasse amigo ... <u>legal</u> pra te ajudar você passava
37		fome <u>mesmo</u> entendeu? ... quando eu fiquei desempregada eu
38		tinha um amigo seu santo foi meu segundo pai ... eu fiquei
39		na loja lá dele de disco que eu fiquei desempregada ele
40		<u>trazia</u> comida pra mim dividia comida para mim,
41	Odete	uhum
42	Cássia	por causa da esposa dele não tinha nada comigo ele era meu
43		segundo <u>pai</u> uma pessoa boa que eu arranjei aqui seu santo
44		... entendeu?
45	Odete	você trabalhou para ele?
46	Cássia	não↑ não↑ ele era conhecido da:: da irani e da juraci lá
47		de botafogo do prédio ... que o joão↑ marido da iraci era
48		amigo trabalhou com ele ... ele fazia móveis seu santo
49		tinha uma lojinha de disco antigo aqueles disco de vinil
50		que () botou pra ele. ↑então o pessoal me apresentou ...
51		aí aí depois ele me arranjou um trabalho na dona rebeca
52		(desse pessoal judia) ... a irani arranjou pra mim através
53		dele EU TRABALHAVA LÁ PERTO da da real grandeza perto das
54		furnas,
55	Odete	uhum
56	Cássia	naquela ruazinha então a loja de disco era bem perto das
57		furnas agora faz parte () ele sempre foi uma pessoa boa
58		que me ajudou
59	Odete	que bom né [mãe]
60	Cássia	[entendeu?] então ele saia de manhã ele saia
61		pra casa dele fechava a loja eu ficava fechada lá ...

62		dormia [lá]
63	Odete	[ficar] aqui sozinho né é muito difícil,
64	Cássia	é ... a nazaré foi morar com um cara lá no balanço
65		... eu
66		fui lá ficar um dia dois dias o cara deu em cima de mim
67		... o tal do João marido dela ... aí eu falei com ela que
68		ia pro trabalho que não ia ficar lá ela DE VEZ ME APOIAR
69		... ela ficou de <u>cara feia</u> pra mim que achou que eu estava
70		dando bola pro cara entendeu? a nazaré <u>a tua tia</u> nunca me apoiou não
71	Odete	mas se você tava saindo de lá↑ é porque você não queria né
72		mãe?
73	Cássia	entendeu?
74	Odete	ou ela ficou chateada por você tava saindo né? de forma
75		geral?
76	Cássia	<não ela ficou <u>chateada</u> > porque eu falei que não ia ficar
77		lá porque o marido dela João tava dando em cima de mim ...
78		ela ficou com ciúme do cara de comigo com o cara ... E EU
79		ERA DIFERENTE DA MACA- dessa menina eu era morena do cabelo
80		cacheado <u>bonita</u> ... entendeu? ... corpo magrinho trinta e
81		oito com bundinha empinadinha parecia uma formiguinha ...
82		a socorro já me chama de bundinha empinadinha hehehe e
83		todas as casas que eu trabalhava que tinha patrão novo eu
84		saía de lá ficava um mês quinze dias saía,
85	Odete	hum.
86	Cássia	<u>patrão</u> dava em cima da minha porta do meu quarto queria me
87		comer me pegar ... queria me pegar ... teve uma casa que
88		eu fui trabalhar ... >naquela época eles dava em cima mesmo
89		se a empregada desse mole eles comiam mesmo passava na

90		frente< ... passava rolo ... teve uma casa que eu fui
91		trabalhar fiquei uma semana lá ... a mulher já conhecia o
92		marido ... ela falou "é eu sou muito sincera dizer cássia
93		não vou ficar com você aqui não porque você é muito bonita
94		... eu conheço meu marido" ele já tava de olho realmente
95		em mim ... eu já tava doida pra ir embora de lá ela falou
96		isso na minha cara que não ia ficar comigo porque eu
97		era muito bonita para trabalhar ... lá o marido dela era
98		muito safado ... era acostumado a () empregada ... eu não
99		queria um marido desse eu ficava imaginando assim eu vou
100		querer um marido desse que dá em cima da minha empregada
101		... entendeu?
102	Odete	é mas EU ACHO QUE muitos casamentos antigamen- É ATÉ hoje
103		né...
104	Cássia	A MULHER ACEITAVA [algumas <u>aceitava</u> ,]
105	Odete	[era::] por era aquele casamento
106		tradicional né que você::
107	Cássia	tinha que aceitar o marido e >tinha algumas mulheres< que
108		não trabalhava dependia do marido
109	Odete	ah::
110	Cássia	então <u>aceitava</u> as safadezas dele botava até a empregada
111		para fora ... entendeu? sabia e botava a empregada para
112		fora entendeu? ... eu quando me arrumava o trânsito eu saia
113		na real grandeza fazia os carros até bater no outro hã
114		... de tão bonita que eu era era se vê pelas fotos de
115		cabelo curtinho né que eu tinha né pelas fotos sua mãe era
116		muito bonitinha entendeu? ... aí seu santo dizia <u>estuda</u>

117		minha filha <u>estuda</u> se eu tivesse escutado ele ...
118		eu tinha
119		estudado mais se tivesse feito um pouco mais de
120		esforço
121		tinha estudado mais mas tinha casa que não dava
122		... não
123		dava:: >como é que se diz< permissão para estudar
124		a noite
125		tinha que servir <u>janta</u> colocar comida na mesa↑
126		<u>tirar↑ a↑</u>
127		<u>mesa↑</u> ... e aí eu tinha que parar de estudar
128		entrava em
129		uma casa↑ começava↑ a↑ estudar↑ e saía ...
130		entendeu? não
131		era mole não naquela época era difícil e eu
132		precisava do
133		trabalho para <u>dormir</u> que eu não tinha onde dormir
134		... OU
135		EU ACEITAVA ... trabalhar na casa para dormir IA
136		DORMIR
137		AONDE? na rua↑ tinha que aceitar isso ...
138		entendeu? ...
139		então seria o que? prostituta mulher do manguê né
140		eu nunca
141		queria ser isso jamais ... entendeu? não é mole
142		não
143		sujeitava a muita, ... CHEGAVA GENTE visita se
144		era igual
145		<u>escrava</u> ... nove dez horas da noite tinha que ir
146		pra cozinha
147		fazer <u>café</u> pra visita.
133	Odete	acho que é a grande questão da existência né que
134		ela fala
134		Né
135	Cássia	exatamente tinha que fazer as coisas e quando era
136		cedo
137		tinha que acordar ... 6 horas da manhã eu tava em
138		pé
139		trabalhei↑ muito↑ 6 horas TINHA UMA CASA que eu
140		trabalhei
141		que eu acordava 5 e meia 6 horas eu ia pra padaria
142		pegar
143		pão 7 horas o café tinha que estar na <u>mesa</u> antes
144		de 7 horas
145		... entendeu? ... estudava a noite nessa época
146		fazia isso
147		... eu nem dormia quase dormia muito pouco ... e
148		adolescente sente muito sono né
143	Odete	você tinha quantos anos nessa época?

144	Cássia	<u>ah</u> > dezoito pra dezenove anos quando assim que cheguei do
145		Rio de Janeiro dezenove anos dezoito pra dezenove anos<
146		... sentia muito sono ... a gente sente sono né ... então
147		minha filha não é mole não entendeu? ... É BOM pra uma
148		coisa que você é bonita e ruim pra outra coisa né ... que
149		<u>feia</u> que <u>magra</u> é ruim que você não consegue ... que quando
150		você É uma pessoa <u>assim</u> ... que tem aparência ... que é
151		mais bonita você arranja mais amizades† ... aqui no Rio de
152		Janeiro naquela época era <u>assim</u>
153	Odete	será que são amizades de <u>verdade</u> né?,
154	Cássia	era [só mais para tirar proveito]
155	Odete	[que só te querem pela aparência†]
156	Cássia	É- E A SOCIEDADE não sempre foi foi <u>assim</u> ? ... entendeu?
157		... ninguém queria ter colega feia naquela época chegar em
158		um lugar e apresentar uma colega feia ... entendeu? ... e
159		até pra ter amizade naquela época você tinha que ter
160		<u>aparência</u> ... ser muito <u>feia</u> ser <u>mal vestida</u> demais ninguém
161		queria muita amizade com você ... <é difícil† Odete> essa
162		coisa- a sociedade é muito é muito ... a sociedade é muito
163		ruim ATÉ HOJE né Odete ... até hoje ... CHEGA NUM LUGAR AÍ
164		mal vestido e chega um bem vestido pra ver quem eles atendem
165		primeiro quem o bem vestido ... VAI DE SANDÁLIA DE DEDO
166		sair por aí pra algum lugar eles te botam tu pra <u>fora</u> o
167		que chegar lá bem vestido vai atender <u>melhor</u> † ... <u>aparência</u>
168		tudo muda Odete ... aparência é tudo eles vê muito a
169		<u>aparência</u> ... as vezes chega um trabalhador lá de roupa

170	meia meia maltrapilha uma roupinha mais feia mas
171	chega um cara de <u>terno</u> de sapato <u>bonito</u> (então é status)
172	e as vezes é um bandido e assaltante agora tá colocando <u>terno</u>
173	e <u>gravata</u> para roubar ... entendeu? ... tudo isso.

ANEXO II

Convenções de transcrição

...	Pausa não medida
.	Entonação descendente ou final de elocução
?	Entonação ascendente
,	Entonação de continuidade
-	Parada súbita
=	Elocuções contíguas, enunciadas sem pausas entre elas
<u>sublinhado</u>	Ênfase
MAIÚSCULA	Fala em voz alta ou muita ênfase
°palavra°	Palavra em voz baixa
>palavra<	Fala mais rápida
<palavra>	Fala mais lenta
::	Alongamentos
[Início de sobreposição
]	Término de sobreposição
()	Fala não compreendida
(())	Comentário do analista, descrição de atividade não oral
"palavra"	Fala relatada, reconstrução de diálogo
hh	Aspiração ou riso
↑	Subida de entonação
↓	Descida de entonação

Convenções baseadas nos estudos de Análise da Conversação (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987) e Tannen (1989), *apud* Bastos e Biar, 2015.